

JOGOS DE FUTEBOL AMADOR NO CLUBE: O PONTO DE VISTA DOS ESPECTADORES¹

Recebido em: 23/06/2016

Aceito em: 05/02/2017

Milena Avelaneda Origuela
Centro Universitário Fieo – UNIFIEO
Osasco – SP – Brasil

Cinthia Lopes da Silva
Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – SP – Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o futebol amador em um clube da cidade de Piracicaba, tendo como foco o gênero do lazer assistência. O problema que destacamos aqui é que a assistência ao futebol é considerada como uma atividade passiva, ou apenas uma forma de consumo. No entanto, a questão deve ser revista, porque tanto a prática como a assistência podem ser ativas ou passivas, isso depende da atitude dos sujeitos. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e de campo. As técnicas utilizadas foram observação participante e entrevistas semiestruturadas. Como resultado, identificamos que a assistência ao futebol amador no clube é parte constituinte da educação pelo lazer e pode ter implicações na educação para o lazer dos sujeitos.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Futebol. Cultura.

AMATER FOOTBAL GAMES AT THE CLUB: THE VIEWPOINT OF SPECTATORS

ABSTRACT: This work aims to analyze the non-professional soccer in a club in the city of Piracicaba, focusing on the leisure genre watching. The problem that we point out here is that watching to soccer is considered a passive activity, or just a form of consumption. However, the issue should be reviewed, because both practice as watching can be active or passive, it depends on the attitude of the subjects. The methodology used was bibliographical and field research. The techniques used were participant observation and semi-structured interviews. As a result we found that watching to non-professional soccer in club is a part of the education through and may have implications for education to leisure for the subjects.

KEYWORDS: Leisure Activities. Soccer. Culture.

¹ Agência de fomento: PROSUP/CAPES.

Introdução

O futebol se insere na vida cotidiana de muitas formas, e o que mais nos interessa é o fato dos sujeitos atribuírem a esse elemento da cultura um conjunto de significados, sendo os mesmos de diferentes lugares, estratos sociais, gêneros ou idades. Ao pensarmos no esporte² de maneira geral, é notável sua importância social e cultural, além de ser considerado expressão hegemônica no contexto das práticas corporais e de movimento. O esporte se tornou tão relevante que passou a ser tema de interesse dos pesquisadores da Sociologia e Antropologia, da Educação Física e de outras áreas, em busca da sua compreensão. É, assim, um elemento da cultura e embora seja considerado tão corriqueiro pelas pessoas, ao ser analisado pelo olhar antropológico mostra-se bastante peculiar.

O evento investigado foi o Campeonato Livre de Futebol Social, realizado anualmente no Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo (C.C.R.C.C.), clube situado na cidade de Piracicaba/SP. Anualmente, o campeonato tem mais de 1500 jogadores, sem contar os associados do clube, muitos dos quais somente assistem às partidas de futebol.

Os clubes esportivos e recreativos, conhecidos também como sociorrecreativos, são equipamentos específicos de lazer e de possível vivência do conteúdo físicoesportivo. Por que as pessoas vão todos os fins de semana jogar futebol no clube? E por que muitos vão para assistir jogos que não têm o nível dos profissionais, não são como os espetáculos esportivos produzidos pela mídia, mas são jogos com pessoas comuns, amadores?

² Valter Bracht (2005) define o esporte moderno como uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo além de abarcar outras características como rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento. Neste estudo, entretanto, trataremos do futebol amador como jogo, elemento da cultura vivenciado de forma lúdica, nos quais as regras podem ser modificadas pelos participantes.

No caso do futebol amador, ele pode ser vivenciado segundo os gêneros do lazer: prática, conhecimento e assistência³. A maioria dos estudos do lazer enfoca a questão da vivência, no sentido da *prática* (STIGGER, 1997; MYSKIW, 2012), embora atualmente já existam alguns estudos enfocando a *assistência* aos jogos de futebol (GASTALDO, 2005, 2006; SANTOS; AZEVEDO, 2008; ORIGUELA; LOPES DA SILVA, 2014, 2015).

O problema que destacamos aqui é que a prática do esporte tem sido associada, pelo senso comum, à ação (ativa) e, por outro lado, a assistência é considerada passiva, ou apenas uma forma de consumo. No entanto, a questão deve ser revista, porque tanto a prática como a assistência podem ser ativas ou passivas. Entendemos que a questão tem a ver com a conduta da pessoa em relação à atividade realizada, se é vivenciada de forma conformista, crítica e/ou criativa (MARCELLINO, 2012).

Competições esportivas, principalmente as de futebol, organizadas dentro de clubes sociorrecreativos, tendem a privilegiar a prática do esporte em detrimento da assistência. Desta forma, pode-se entender que este modo de organização de jogos privilegie somente um perfil de associados, os que jogam futebol, excluindo de certa maneira os que gostam de assistir aos espetáculos esportivos.

Caminhos da Investigação

Neste trabalho, realizamos pesquisa bibliográfica e de campo. Na pesquisa bibliográfica tivemos como base as ideias de Severino (2007). A investigação foi efetuada a partir de um levantamento nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP e

³ Referimo-nos aos gêneros do lazer propostos por Dumazedier (1999, p. 103): gênero produtivo (realização, expressão); não produtivo (observação, contemplação ou assistência). Marcellino (2012) também aponta três gêneros do lazer: prática, conhecimento e assistência. O conhecimento que é também um dos gêneros do lazer está relacionado à busca por informações e conhecimento sistematizado acerca dos conteúdos do lazer.

UNICAMP, correspondente às obras da Antropologia, Sociologia e da Educação Física. Foram consultadas as bases Scielo, Portal Periódicos Capes e o *site* acadêmico Google Scholar. Para a realização deste levantamento, foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. As seguintes palavras-chave, combinadas entre si, foram base para a pesquisa: lazer, futebol, clube e cultura.

A natureza da discussão é qualitativa. De acordo com Minayo (1994, p.21) esse tipo de pesquisa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”.

Para atingir nosso objetivo utilizamos alguns procedimentos e técnicas, no caso observações participantes e entrevistas semiestruturadas. O grupo entrevistado foi dos espectadores, ou seja, pessoas que somente assistiam aos jogos no clube. Selecionamos para a pesquisa 20 sujeitos e o roteiro da entrevista foi o seguinte:

- 1 – Tipo de participação no campeonato;
- 2 - Tempo que assiste ao campeonato no clube C.C.R.C.C.;
- 3 – Frequência que assiste aos jogos do campeonato no clube;
- 4 - Significados atribuídos a assistir aos jogos de futebol no clube.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta outras perguntas poderiam ser formuladas para atingirmos o objetivo da pesquisa):

- 1 – Você joga ou assiste aos jogos, ou você joga e também assiste aos jogos do campeonato?
- 2 – Há quanto tempo você assiste aos jogos deste campeonato?
- 3 – Qual a frequência que você assiste aos jogos deste campeonato?
- 4 – Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?
- 5 - Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o tema abordado?

Para a análise das observações participantes e das entrevistas tivemos como base a pesquisa bibliográfica realizada na primeira fase da investigação, de modo a fazer uma interpretação dos elementos observados e das entrevistas realizadas. Consideramos também na análise dos dados os princípios da descrição densa, que é parte da prática e da investigação etnográfica, com base em Geertz (2011). Como na descrição densa, fizemos um esforço intelectual para que as respostas dos entrevistados e o que foi observado pudessem ser compreendidos e registrados em forma de pesquisa. Trata-se também de uma investigação microscópica, característica dos estudos etnográficos, possibilitando-nos adentrar no universo simbólico dos espectadores do campeonato de futebol amador investigado.

Para recrutar os entrevistados, frequentamos o espaço do campeonato no clube, durante o período em que os jogos eram realizados e, após as observações, nos direcionamos a alguns escolhidos, perguntando o que faziam no clube com relação ao campeonato (se eram jogadores, jogadores e espectadores ou somente espectadores), e perguntávamos se poderiam participar da pesquisa. Um dos critérios de participação era que o entrevistado tivesse mais que 18 anos de idade. A escolha por pessoas a partir desta idade se deu por dois motivos. O primeiro, porque, embora o campeonato aceitasse participantes a partir dos 15 anos de idade, observamos que a maioria parecia ser de adultos, maiores que 18 anos. O segundo motivo foi para viabilizar o processo da pesquisa no que se refere à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos menores de idade, teríamos que fazer contato com os pais ou responsáveis (nem sempre presentes no clube), para a assinatura dos termos e autorização para a participação na pesquisa, dificultando, assim, o processo.

Consideraram-se como integrante do grupo investigado pessoas que cumpriam

com os critérios acima e que respondessem em nossa pergunta inicial que somente assistem aos jogos do campeonato de futebol amador no clube, local onde a pesquisa foi realizada.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética, protocolo de pesquisa nº 72/2014 e está de acordo com os critérios da Portaria 196/96 do Departamento de Saúde Nacional em matéria de pesquisa com seres humanos. Todos os sujeitos do estudo autorizaram sua participação na pesquisa e visualização de resultados, de acordo com a declaração 196/96. Para se referir aos entrevistados utilizaremos nomes fictícios respeitando o sigilo de sua identificação.

Resultados

A assistência do futebol e o duplo processo educativo do lazer no clube

Dentre os autores que têm como especificidade o estudo da assistência ao esporte, em particular ao futebol, destaca-se: Gastaldo (2006; 2005); Santos e Azevedo (2008); Origuela e Lopes da Silva (2014; 2015), dentre outros autores. Fazemos aqui destaque para os elementos identificados por Gastaldo (2006) que consideramos como elementares para qualquer investigação realizada sobre esse tema. Além disso, apresentamos relações entre a assistência ao futebol e o duplo processo educativo do lazer no clube.

Gastaldo (2006), ao falar sobre a assistência nos bares, coloca em questão três aspectos da recepção: a presença como conduta, os desafios verbais e a teatralização jocosa. A primeira, a presença como conduta, se refere às pessoas que frequentam ao bar para assistir ao futebol e, de alguma maneira, se manifestam indicando que vão para o bar para torcer por seu time, como é o caso dos sujeitos que vão ao bar com roupas

que caracterizam determinados times de futebol.

O segundo aspecto, os desafios verbais, é o que o autor denomina como o “falar para todos”, frases curtas e mordazes, faladas em voz alta, na maioria das vezes carregadas de bom humor. Ligado a esse aspecto está também a questão da “homofobia”, alguns sujeitos vão ao bar e se comportam de modo a desqualificar o outro sob a acusação de homossexualidade, com expressões como “bichona”, bichinha”, “viado”, “mulherzinha”, “joga de salto alto”. Esse tipo de conduta reitera o aspecto da construção da identidade masculina, desvalorizando a feminilidade, e que, ao atribuir traços “femininos” a um homem, o desqualifica perante os outros homens (GASTALDO, 2006).

O terceiro aspecto da recepção é a teatralização jocosa, que vai além dos desafios verbais, ultrapassando os limites da fala ou das provocações com palavras. É o caso dos sujeitos se manifestarem levando faixas e bandeiras para o bar referentes ao seu time ou a demonstração de hostilidade simulando uma briga ou uma situação de confronto com outros sujeitos que estão no bar, em nome da honra de seu time, como o caso citado por Gastaldo (2006) do torcedor que “fingiu” quebrar uma cadeira nas costas do adversário. Essas relações, bem como as características da recepção do futebol midiaticizado, têm se mostrado como o universo simbólico do futebol proporciona aos participantes a escolha por vivenciar momentos que são diferentes das atividades realizadas no tempo destinado às obrigações, como no trabalho.

Um pouco diferente dos bares, o estádio também tem essas características, mas oferece condições para a emergência de situações de violência simbólica e física mais acentuadas. Gastaldo (2006) destaca que, no estádio, as torcidas antagônicas estão separadas fisicamente, enquanto no ambiente dos bares, muitas vezes, o torcedor

opponente está sentado na mesa ao lado, e ainda, há as relações pessoais com o estabelecimento comercial, e que esses pontos talvez amenizem a violência no sentido de favorecer sua expressão sob a forma de jocosidade, ironia e gozação.

Esses modos de se manifestar no bar estão relacionados também à um processo de educação que se dá coletivamente, a partir do convívio com o outro. Assim, ao se considerar a assistência ao futebol um dos gêneros do lazer, esse gênero está também associado a um duplo processo educativo: o lazer como veículo de educação (educação pelo lazer), isto é, a educação por meio das atividades do contexto do lazer; e como objeto de educação (educação para o lazer).

Sobre a educação pelo lazer, Requixa (1980) ressalta que seria adequado considerar as atividades no lazer como instrumentos no auxílio do esquema educacional. A pessoa que participa de atividades do âmbito do lazer, como no caso da assistência, por exemplo, sofre motivações para se deslocar para um local em que esse gênero do lazer possa ser vivenciado, aqui destacamos o bar, o estádio e o clube, além do próprio lar, ao se assistir ao esporte pela televisão. O autor argumenta que a vivência das atividades no lazer é o melhor estímulo educativo para o próprio lazer. O desenvolvimento pessoal e social, uma das funções do lazer é, “[...] mais proximamente identificáveis, pela educação social, em seu sentido mais amplo de “educação para a vida”” (REQUIXA, 1980, p. 53).

O sujeito pode enriquecer sua personalidade, na medida em que adquire elementos para pensar, criticar e agir de forma mais liberada dos condicionamentos que possam automatizar seus pensamentos e ações. Alguns destes elementos para o desenvolvimento humano promovem o bem-estar social e uma participação ativa no

atendimento de necessidades e desejos de ordem individual, familiar, profissional, cultural e comunitária (REQUIXA, 1980).

Segundo Requixa (1980), há na vivência das atividades do contexto do lazer, um conteúdo psicológico e um social. Essas afirmações são no sentido da necessidade da satisfação humana de contatos sociais, fazendo com que as relações entre as pessoas sejam, até mesmo mais importantes que o próprio conteúdo das atividades. Além da própria vivência nestes grupos, as relações interpessoais oferecem aos sujeitos a oportunidade de expressão individual, de se satisfazerem em algo e de se orgulharem. Na prática das atividades do contexto do lazer emerge o conteúdo social, ou seja, a favor da comunidade.

Em condições ideais, as atividades do âmbito do lazer oferecem oportunidades para os sujeitos exercitarem seu poder criativo, de realizarem opções, mas, principalmente, de aprimorarem suas percepções dos problemas, incentivando, assim, a colaboração com sua comunidade, em trabalho desinteressado e benéfico, para si e para o grupo (REQUIXA, 1980).

Requixa (1980) ainda comenta que a evolução rápida e complexa de nossa sociedade exige uma rápida e melhor adaptação das atividades do âmbito do lazer. Sendo assim, os sujeitos, ao vivenciarem atividades no tempo disponível, têm a possibilidade de ampliar a criatividade e terem consciência da importância da participação e colaboração para o desenvolvimento da sociedade.

Com relação ao segundo aspecto educativo, a educação para o lazer, Requixa (1980) comenta que o ser humano tem sido educado, racionalmente, para se equilibrar entre o trabalho e o lazer. O autor ainda afirma que, mesmo em países desenvolvidos

faltam elementos racionais para o correto aproveitamento do tempo livre. É necessário um incentivo para a diversificação na procura das atividades do contexto do lazer.

Destacando as possibilidades educativas do lazer, Marcellino (2007) tece uma crítica à Requixa (1980), quando coloca a possibilidade, por exemplo, de excluídos do sistema educacional, recuperarem no lazer as oportunidades perdidas. Marcellino (2007) afirma que, desta maneira, se refletiria uma tendência compensatória, ao se considerar o lazer como veículo de educação com a valoração utilitarista do lazer.

Para Marcellino (2007, p. 63-64):

[...] só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado, [...] como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social.

Vemos, assim, como possibilidade de vivência lúdica, os jogos de futebol no clube, incluindo todas as formas de fruição desta modalidade, seja jogando ou assistindo. O clube, como espaço de lazer, possibilita também as conversas, os encontros, beber com os amigos, enfim, uma variedade de relações sociais prazerosas e desfrutadas no tempo disponível. Além disso, as atividades do âmbito do lazer no clube, especificamente a prática e assistência do campeonato de futebol amador, são possibilidades de educação pelo lazer.

No campeonato estudado notamos um público presente que somente assiste aos jogos de futebol no clube. Isso vem nos mostrar que os clubes sociorrecreativos poderiam enfatizar outros gêneros do lazer além da prática, ou, até mesmo, não ficarem limitados a um ou outro conteúdo cultural do lazer, ou apenas a algumas atividades, mas serem espaços para escolha/opção do que os sujeitos podem fazer no tempo disponível.

Concordamos que a maioria de ofertas de atividades do âmbito do lazer nos clubes se relaciona ao conteúdo físicoesportivo, porém, discordamos, de certa forma, que este conteúdo seja algo restrito e vivenciado de forma única. Entendemos que estes espaços destinados ao conteúdo físicoesportivo possibilitam também a vivência do conteúdo social. O campeonato investigado neste estudo é um exemplo de como o conteúdo físicoesportivo está intrinsecamente ligado ao conteúdo social.

O cotidiano do associado no clube, na maioria dos casos, está relacionado às atividades físicoesportivas, seja com a prática de alguma modalidade esportiva, na participação informal com amigos, ou como espectador de campeonatos e apresentações. No caso de alguns clubes, a presença marcante dos esportes, especialmente o futebol, é notada pela ampla divulgação nos meios de comunicação, tanto internamente, como externamente aos clubes. Um exemplo disso, no caso do clube deste estudo, é a criação de uma página da rede social *Facebook*®, especializada em informações e fotos sobre o Campeonato Livre de Futebol Social.

Um dos exemplos que podemos citar com relação ao gênero do lazer, a assistência, foi uma pesquisa anterior de Origuela (2014), na qual foram investigados os significados de se assistir aos jogos de futebol em um bar na cidade de Piracicaba/SP. Pelas observações e entrevistas, chegou-se à conclusão que havia o interesse dos participantes da pesquisa no jogo em si (conteúdo físicoesportivo), porém havia também o interesse social diretamente relacionado ao físicoesportivo, pois a maioria dos entrevistados respondeu que o significado de se assistir aos jogos de futebol no bar era estar com os amigos, encontrar com outros, festejar e confraternizar.

Assim, ao nos referirmos à assistência no clube para se assistir aos jogos do campeonato de futebol amador, as pessoas podem ser guiadas tanto pelo interesse no

conteúdo social como fisicoesportivo e também o fato de usufruírem desse gênero do lazer, a assistência, há que se considerar o duplo processo educativo do lazer, a educação pelo lazer e para o lazer, que ocorre no processo de educação do espectador com relação aos jogos assistidos no clube.

O campo

O campeonato por nós investigado possui diversas características similares aos do futebol profissional, e mesmo sendo jogado por pessoas comuns, não-atletas, leva um grande público ao clube aos fins de semana que vão à este local especialmente para assistir aos jogos. Mas como é exatamente este campeonato de futebol amador do clube investigado?

Os jogos do Campeonato Livre de Futebol Social do clube Cristóvão acontecem aos sábados e domingos. São nove campos de futebol social (dimensões menores que do futebol oficial), e os jogos são em sequência, com todos os campos sendo usados simultaneamente. Aos sábados são 27 jogos, nove em cada horário: 13h45min, 15h00 e 16h00 (com o horário de verão, os jogos são alterados para: 14h45min, 16h00 e 17h00). Aos domingos são 18 jogos, nove em cada horário: 8h45min e 10h00 da manhã. O tempo de duração de uma partida é de 60 (sessenta) minutos, divididos em dois períodos de 30 (trinta) minutos, com 10 (dez) minutos de intervalo⁴.

Os primeiros jogos de ambos os dias geralmente começam com 15 minutos de atraso. Os jogos de sábado e domingo juntos formam uma rodada. São seis divisões sendo a 1^a divisão com 10 equipes, a 2^a, 3^a, 4^a, e 5^a divisões com 12 equipes cada e a 6^a

⁴ Dados retirados a partir de observações e do regulamento do campeonato de 2014.

divisão com quatro grupos de oito equipes cada (32), totalizando 90 equipes participantes em 2014⁵.

Os nove campos possuem grama, alguns têm condições melhores que os outros, uns possuem irregularidades na grama e não têm local adequado para que os espectadores se sentem para assistir aos jogos, outros não têm sombra nas arquibancadas. Os campos com condições melhores, e melhor localizados, geralmente recebem os jogos das 1ª e 2ª divisão. Como exemplo, o campo seis conhecido como o campo da TV por ter o melhor gramado, recebe os melhores jogos e as pessoas têm uma visão privilegiada, já que o espaço tem uma grande arquibancada em sua lateral, sendo que o jogo pode ser visto do bar do clube.

Todos os campos são fechados nas quatro laterais com alambrados de aproximadamente 4 metros de altura. Os campos possuem um portão para a entrada e saída de jogadores e árbitros. Em frente a esse portão em cada campo ficam dois “seguranças” chamados de apoio. O apoio controla a entrada e saída de jogadores e técnicos, impedindo que pessoas que não estejam inscritas entrem nos campos de jogo. É papel do apoio, além deste controle, proteger o árbitro, caso seja necessário. Quando acontecem brigas, com agressão física, o apoio deve preparar, juntamente com os envolvidos, um relatório para a diretoria do evento sobre o acontecido, para que as devidas providências sejam tomadas.

Pelas descrições sobre o campeonato, podemos observar algumas similaridades com o jogo de alto rendimento. Nas competições de futebol profissional, sempre existe a presença de seguranças e policiais para se manter a ordem e proteger árbitros e dirigentes. Mesmo que sejam jogos de futebol amador, no caso pesquisado, há também a necessidade dessa proteção, porque, da mesma forma que no futebol profissional,

⁵ Idem.

acontecem brigas e agressões físicas (em geral entre os jogadores e não com a torcida) e punições também são aplicadas.

Dentro de cada campo existe um mesário. O papel do mesário consiste em trocar o placar de acordo com o número de gols de cada equipe, conferir se todos os jogadores em campo estão inscritos no campeonato corretamente e anotar na súmula, após o jogo, o resultado e as informações passadas pelo árbitro, como cartões amarelos e vermelhos. Esse é o papel do quarto árbitro nas grandes competições de futebol do estado de São Paulo.

Assim como nos grandes jogos profissionais, existem gandulas no clube. Observamos a presença de vários meninos com idade aproximada entre 8 a 12 anos. Eles têm como função buscar as bolas que saem do perímetro dos campos e devolvê-las aos campos correspondentes.

Há, também, disponível no clube, durante os jogos, uma ambulância para eventuais emergências e três fisioterapeutas/massagistas, que ficam do lado de fora dos campos, com uma caixa de isopor com gelo, água e *spray* para dor, para contusões leves. Quando algum jogador se machuca, o árbitro autoriza a entrada deste profissional em campo. Notamos que este fato acontece de forma semelhante ao futebol profissional, no caso do alto rendimento, cada equipe possui sua equipe médica composta por médicos, fisioterapeutas e massagistas. No clube Cristóvão, embora esses profissionais não sejam exclusivos em cada equipe, há a presença deles no local, bem como a obrigatoriedade assim como nas competições de futebol profissional, de uma ambulância.

Tanto em nosso caso como na pesquisa de Stigger (1997), podemos notar algumas aproximações no sentido da similiaridade do espaço de jogo e regras com o

futebol profissional. Embora Stigger (1997) não traga pormenores sobre o espaço de jogo na sua pesquisa, ele comenta que o tamanho do campo, o número de jogadores, tempo de jogo e arbitragem são bem próximos do futebol profissional e do imaginário da maior parte das pessoas sobre esse jogo.

Observando a estrutura e organização do campeonato investigado, podemos fazer algumas considerações com as configurações elencadas por Damo (2003), sobre os modelos de futebol. Notamos, aqui, que o futebol jogado no clube se aproxima com a configuração estética do autor do “futebol comunitário”. Esse modelo se caracteriza por ser jogado no tempo disponível dos participantes, os campos são padronizados, mas diferentes dos profissionais; alguns times possuem um técnico que não recebe por seu trabalho com a equipe. Ao falar desta configuração de futebol, o autor afirma que este é conhecido também como “futebol de várzea” ou “futebol amador”. Como dito anteriormente, nesta pesquisa preferimos o termo “amador” por ser o termo mais utilizado e compreendido pelos participantes da pesquisa.

Além disso, Damo (2003) afirma que esse modelo do “futebol comunitário” ou “amador” é uma espécie de circuito fechado, e o que notamos no clube é que o mesmo é fechado, pois só pode participar jogando quem está inscrito na competição desde o início, a única exceção são os espectadores, que não precisam estar inscritos, mas, de qualquer forma, precisam ser sócios do clube.

Damo (2003) diz que essa configuração não demanda o mesmo capital do futebol profissional, mas não podemos nos esquecer de que, para se participar neste campeonato do clube Cristóvão, especificamente, é necessário o investimento financeiro nos uniformes e chuteiras, além de pagar a mensalidade do clube e a inscrição no campeonato.

Com relação aos espectadores, é comum ver muitas pessoas tentando assistir aos jogos, procurando por um local com sombra por causa do forte calor na época da primavera/verão, estação em que é realizado o campeonato. Este é um ponto no qual identificamos diferenças entre assistir ao futebol amador no clube e no estádio, por exemplo. Ao assistir a um jogo profissional em um estádio, os espectadores têm que sentar em um determinado local (área ou assento), enquanto no clube investigado, eles podem sentar nos gramados laterais, nos bancos, no chão, nas arquibancadas, podem ficar circulando de um local para o outro, escolhendo o jogo que querem ver, no clube existe maiores possibilidades de escolhas.

Aos sábados, o público que assiste é maior que aos domingos, principalmente nos horários das 15h00 e 16h00 horas. Aos domingos, após as 10h00 da manhã, notamos um bom público assistindo aos jogos, antes desse horário, a maioria é de jogadores que chegam para os jogos das 8h45min. Muitos espectadores ficam nas arquibancadas ou nos arredores dos campos.

Nos dois dias de jogos, o bar que fica num local mais alto, possibilitando a visão da maioria dos campos, reúne muitas pessoas. A maioria fica em pé, conversando em duplas ou pequenos grupos, com uma cerveja ou um refrigerante na mão, assistindo aos jogos do alto. Praticamente não há mulheres na maioria dos dias, exceto nas semifinais e finais.

Esta descrição do clube investigado, identificou-se características próximas dos locais de jogo da pesquisa de Guedes (1997). Assim como em sua pesquisa, em São Gonçalo no Rio de Janeiro, em nosso caso, também há uma assistência mais interessada no jogo, que são as pessoas que ficam em pé ao lado dos campos, e acompanham mais atentamente os lances, alguns participando verbalmente do jogo, estimulando ou

criticando os jogadores, conversando com alguns que ficam mais próximos às laterais do campo e xingando o juiz.

Na pesquisa de Guedes (1997) existem os espectadores nos bares no entorno do campo, reunidos em pequenos grupos conversando, aparentemente menos interessados sobre o que ocorre dentro do campo. Em todos os casos, a presença masculina é, incontestavelmente, maior que a feminina. Notamos o mesmo no bar do clube com muitos bebendo cerveja e conversando, mas não parecendo tão atentos aos jogos e, além disso, destacamos também a quantidade de homens muito maior em relação às mulheres.

No dia das semifinais, 27 de novembro de 2014, havia um grande público presente, maior que em todos os outros dias até então. A presença feminina foi muito pequena e os espectadores sentados nas arquibancadas gritavam muito. Quando algum dos times fazia gol em um dos campos e os jogadores começavam a comemorar, essa exaltada comemoração chamava a atenção dos espectadores, os quais se levantavam para ver onde foi o gol. Alguns saíam do seu lugar para ver qual time tinha feito o gol, já que não havia *replay* e, de longe, nem todos os placares são visíveis. Vale destacar aqui a fala de Guedes (1997) sobre a assistência aos jogos, que vai aumentando ou diminuindo, conforme o horário e, principalmente quanto à avaliação dos que estão jogando e a importância do torneio.

Seguindo o regulamento do campeonato, todas as equipes devem estar uniformizadas, com camisa, calção e meias iguais para todos os jogadores (somente o goleiro deve ter a roupa diferente). Todas as camisas e alguns calções possuem, além do logotipo do time, o número do jogador nas costas e patrocínios de uma ou mais empresas.

Há uma variedade de cores e modelos de camisas. Alguns uniformes são quase réplicas de uniformes de grandes times profissionais, ou seleções, como Barcelona, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Canadá entre outras. Esses elementos nos mostram o desejo de alguns times de se parecerem, pelo menos esteticamente, com grandes equipes de futebol, para impor respeito e autoridade, mostrar admiração, demonstrar que jogam tão bem quanto a equipe inspiradora do uniforme, ou que ironizam a si mesmos, por saberem que jogam mal em comparação com estas.

Os nomes dos times chamaram a nossa atenção. Os nomes são vinculados a algum patrocinador, outros têm um caráter cômico, como Engov, Los Kanalhas, Os Problemas, Mercenários, Caras de Pau, Sai Não Futebol Society, Porkada F.C., SR Enfartados, FC Bar100Lona, Dypylek, Cachaçamba, Só Canelas, entre outros. Ao escolherem estes nomes para suas equipes, vemos que os participantes deste campeonato reinventam o jogo, rindo e brincando consigo mesmos, ironizando o futebol e a forma que jogam, demonstrando que o jogo é também lúdico e que não existe seriedade o tempo todo.

Essa gozação deles mesmos, por não serem como os jogadores do alto rendimento, demonstra o caráter lúdico no jogo, conforme evidenciado por Marcellino (1990), quando afirma que o lúdico permite criar e recriar a cultura, vivenciando valores e papéis externos a ela. Os valores do alto rendimento, como a seriedade, competitividade e vitória a qualquer custo, são ressignificados por esses participantes quando inventam nomes para seus times concernentes a elementos considerados engraçados ou divertidos, com relação a bebidas alcoólicas (Engov, Dypylek, Cachasamba, FC Bar100Lona), à honestidade (Os Problemas, Mercenários) ou à condição física (SR Enfartados).

Guedes (1998) salienta algo nesse sentido, quando mostra um contraponto entre os peladeiros (amadores) e seus times e os jogos profissionais. Esse contraponto destacado pela autora é a característica da pelada com relação ao divertimento, a brincadeira. No caso de sua pesquisa em São Gonçalo, Rio de Janeiro, os times também tinham nomes com um toque de auto-ironia como Barrigudos ou Pé na Cova e ela destaca que isso significa abdicar das possibilidades de profissionalização, “[...] abrir mão do lado sério e investir na dimensão lúdica da atividade.” (p. 85).

Antes do início de cada jogo, os jogadores se reúnem em um círculo, abraçados, rezando em voz alta uma oração, geralmente o Pai-Nosso, e logo em seguida fazem um ‘grito de guerra’, por exemplo: “*1, 2, 3, Atômicos!!!*”. A maioria dos times faz esse ‘ritual’ quando o jogo termina, ganhando ou perdendo. Muitos jogadores, ao entrarem no campo, se abaixam, tocam a grama e fazem o sinal da cruz. Esse tipo de comportamento é observado da mesma maneira entre os jogadores de futebol profissional, que se reúnem antes dos jogos, e ao entrarem em campo, costumam realizar algum tipo de ‘ritual’ religioso.

Esses rituais realizados antes e depois dos jogos no clube fazem parte do universo do futebol, segundo Daolio (2006). Esse universo sobrenatural destacado pelo autor com os galhos de arruda, dentes de alho, rezas no gramado, promessas, repetições de gestos e trajés associados à vitória demonstram que o futebol é inseparável da vida das pessoas, ele expressa os sentimentos, emoções, regras, moralidades, religiosidades que integram a sociedade na qual se insere.

Um grupo de espectadores começa a andar em direção a um jogador que estava jogando, mas que sai do campo por um momento para tomar uma ducha. O grupo diz: “*Vem aqui Álvaro Pereira*”, e o jogador ri. Eles dizem isso provavelmente por ele se

parecer fisicamente com o jogador uruguaio (ele tinha o mesmo porte físico, a mesma cor de pele, rosto semelhante e usava o mesmo corte de cabelo do Álvaro Pereira, jogador do São Paulo na época da pesquisa), e ainda dizem: “*não vai cair com a cara no chão, hein!*”, se referindo a uma ocasião de dividida de bola, na qual o jogador do São Paulo caiu com o rosto no chão e desmaiou (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

Pode-se notar que os associados do clube que jogam o campeonato manifestam-se de modo a tornar público – aos espectadores - as referências culturais que os orientam, ora sendo as mesmas semelhantes ao futebol profissional, ora a uma construção que demarca as características de uma atividade do contexto do lazer, com o predomínio do lúdico. Com isso, identificamos que a assistência aos jogos de futebol amador no clube está relacionada a um processo de educação pelo lazer – que envolve elementos do futebol profissional e do contexto do lazer.

Um espectador próximo ao alambrado diz ao árbitro, antes do jogo começar: “*Trata de apitar esse jogo direito cara, senão eu vou pegar você*”. O juiz responde: “*Vai tomá no seu cú seu idiota*”, e os dois riem alto. Assistindo a esta cena, outro espectador diz: “*Olha o palavreado do árbitro, esse clube está perdido mesmo*” (em tom de brincadeira) (Retirado do diário de campo - 02/11/2014). Esse tipo de relação do árbitro para com os espectadores é inexistente no futebol profissional e embora estes árbitros do clube sejam federados, seu papel ali tem um tom muito mais leve do que em um jogo profissional. Notamos, assim, que os espectadores também reinventam o jogo, permitindo algumas ações diferentes do modelo de futebol profissional.

No modelo profissional, os árbitros devem ser neutros, cumprindo apenas seu papel de mediadores do jogo, em geral, não se pronunciando ou conversando com os

espectadores. Diferente do futebol profissional, os árbitros no caso do clube investigado, também participam dessa dinâmica teatralizada das relações jocosas com participação nas brincadeiras, nas provocações, com bom humor, isso pode ser identificado também com frequência no comportamento dos jogadores entre si, como pôde ser observado nos trechos destacados do diário de campo, sendo que isso se aproxima das características que Gastaldo (2006) identifica com relação a assistência aos jogos de futebol, que aqui também são abrangentes aos próprios jogadores e juiz da partida.

São comuns as conversas dos jogadores sobre futebol quando saem de campo, especialmente sobre os jogos do campeonato, como por exemplo: *“Na hora que ele me deu aquele corte”*, *“Você viu que lindo o gol do Rafa?”*, *“Se eu tivesse visto que o goleiro estava adiantado deixava a bola cair”*, *“você viu o chapéu que o Biro tomou?”*. Mesmo depois do fim do jogo as conversas sobre futebol não param. Isso nos mostra que o futebol é tematizado o tempo todo, e que a participação no campeonato envolve mais elementos do que somente a prática do jogo em si.

Os sujeitos não se limitam a vivenciar o jogo somente durante o tempo regulamentar. Depois do jogo essas conversas são muitas vezes o motivo para continuarem juntos, falando de futebol, indo tomar cerveja, eles admiram os colegas, imaginam o que poderiam ter feito diferente em determinada jogada e alguns chegam a ironizar os amigos com brincadeiras. O mesmo aconteceu na pesquisa de Stigger (1997), na qual as gozações eram corriqueiras e, em geral, se relacionavam à produtividade do jogo, sendo assim, uma forma irônica para se avaliar a *performance* de alguns. O autor ainda destaca que existe a necessidade de saber jogar futebol mas para

ser parte do grupo, é preciso levar na brincadeira essas relações como uma forma de relacionamento e de aceitação desse grupo.

Gastaldo (2006) cita a expressão “falação esportiva” utilizada por Umberto Eco (1984, p. 223), ao falar das conversas sobre compra e venda de jogadores e especulações de resultados. Podemos extrapolar o sentido dessa expressão para as conversas antes e depois dos jogos no clube, pois elas são da mesma forma, matéria prima para as interações de sociabilidade.

No clube, observamos também algumas questões relacionadas à homofobia no ambiente do jogo de futebol. Guedes (1998) comenta que esse tipo de espaço favorece a construção da identidade masculina e, de acordo com Gastaldo (2006), um dos elementos que também pertence a este aspecto é a questão da “homofobia”. Segundo o autor, é comum, nesta modalidade de sociabilidade masculina, a desqualificação do outro sob a “acusação” de homossexualidade, na qual são utilizadas expressões como “bichona”, bichinha”, “viado”. Também é comum o uso de expressões que desqualificam a mulher, utilizadas como xingamento aos homens. É como se fosse um código aceito no futebol, como qualquer outro xingamento ou ironia. Isso pode ser notado nas três cenas relatadas a seguir.

Ao término de um jogo vemos alguns jogadores de equipes adversárias se cumprimentando. Um espectador começa a gritar com um jogador de uma das equipes que ainda estava em campo após o fim do jogo: *“Sai Juninho, o que é que é isso meu, tá que nem putinha, tá amiguinha deles?”* Isso porque o jogador Juninho estava cumprimentando os adversários no fim do jogo (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

Ao considerarmos algumas questões de gênero, ao realizarmos nossas

observações no clube, notamos que a maioria dos presentes é de homens. Guedes (1997) fala que os ambientes relacionados ao futebol são marcadamente masculinos e, embora em nossas observações essa característica também possa ser comprovada (a rara presença de mulheres), uma delas parece ter papel fundamental em uma das equipes.

Observamos uma mulher dando instruções aos jogadores da equipe Pedra Preta: “*Fica Carlinho, olha a esquerda, olha o ladrão*”. Ela está do lado de fora do campo, fica dando voltas no alambrado e sua conduta parece a de um técnico de futebol dando instruções aos jogadores. Ela prossegue gritando após um jogador receber o cartão amarelo: “*Vai entrar no jogo dele palhaço*”. Em alguns momentos ofende os jogadores do time adversário: “*Joga a bola seu cachorro*” (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

Podemos notar que, neste caso, embora seja uma das raras mulheres além de nós assistindo a esse jogo, ela não demonstrava uma conduta somente de observação ou de mera coadjuvante, como algumas pesquisas entendem o papel da mulher nestes ambientes. Isso denota uma particularidade do nosso campo, neste clube, embora a frequência seja predominantemente masculina, esta mulher se destaca por sua conduta diferenciada, usando os mesmos códigos permitidos aos homens nesse local, como por exemplo, os xingamentos aos jogadores.

Esta mulher atua por meio da assistência, não agindo passivamente ou de forma conformista, demonstrando que a possibilidade da assistência está relacionada, não à passividade, mas à atividade, no sentido da conduta assumida pela pessoa. Este comportamento está de acordo com Marcellino (2012), quando afirma que, tanto a prática como o consumo podem ser ativos ou passivos. O autor questiona a valorização como “inferior” ou “superior”, em relação a se participar passivamente ou praticar uma

atividade. Para o autor, o que é determinante é o modo como o indivíduo age em relação à prática ou ao consumo.

A assistência aos jogos é, assim, mais uma das opções de atividade do contexto do lazer que não pode ser ignorada ou desvalorizada. As pessoas escolhem assistir aos jogos de futebol, seja os de alto rendimento ou os jogos amadores nos clubes sociorrecreativos. Mas o que dizem os espectadores deste evento?

Dando Voz aos Espectadores

Foram entrevistados 14 mulheres e seis homens. Podemos justificar um número maior de mulheres entrevistadas do que de homens, pelo motivo de escolhermos pessoas que diziam somente assistir aos jogos e que não jogavam o campeonato.

Entre as 14 mulheres entrevistadas tivemos respostas muito similares ao perguntarmos sobre “Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?”. Todas as 14 entrevistadas disseram que o significado de se assistir ao futebol no clube era para apoiar a família, marido, filho, pai, namorado etc., mostrando que esses significados são correspondentes a uma obrigação familiar ou social (MARCELLINO, 2012), e, considerando o aspecto tempo isto não seria uma opção de atividade no lazer, como podemos observar nas falas a seguir:

Assim, eu acho legal, eles levam muito a sério, venho pra assistir, dar apoio pra família e pros amigos que jogam com eles, né (Monica).

No clube eu venho mais pra prestigiá-los, pra ver o pessoal que a gente conhece, eu tenho vários amigos que vêm jogar aqui, mas especificamente eu venho pra assistir meu pai e meu marido (Adriana).

Somente Fernanda afirmou que, além desse apoio familiar, também gosta de futebol. Patrícia, Laura e Amanda disseram que, além de apoiar os maridos, levam seus

filhos para assistir o pai jogando, ou porque o pai gosta de ser um exemplo para o filho, ou porque a criança gosta de futebol.

Qual a frequência que você assiste aos jogos deste campeonato?
Venho de vez em quando, meu marido joga, daí às vezes trago meu filho pra assistir ao pai jogar, ele fica feliz de ver o pai jogar.
Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?
Meu marido fica feliz, acho que de ser um exemplo pro nosso filho, e é gostoso porque encontro os amigos e depois daqui vamos pra piscina (Patricia).

Notamos, assim, o papel da família com relação à educação, principalmente em um momento considerado como tempo disponível desses sujeitos. Há, aqui, a oportunidade de se ensinar, não somente a apreciação da prática do futebol, mas, principalmente, como assistência, pois, durante este campeonato, somente os adultos podem participar. Além disso, Patrícia comenta o encontro com os amigos, demonstrando, assim, também o interesse social do lazer. Podemos notar que as entrevistadas demonstram não considerar a assistência ao jogo de futebol amador uma obrigação, mas uma atividade relacionada a educação dos filhos ou como uma forma de prestigiar os amigos, tensionando, assim, a categoria clássica do que são as atividades de obrigação e aquelas do contexto do lazer.

Laura, uma das mulheres que, ao responder sobre os significados de se assistir aos jogos diz que é um incentivo para o filho, e mesmo quando perguntamos novamente, ela prossegue falando de trabalho e sobre o filho de novo.

Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?
Pra dar empolgação pra ele (filho), deixa ele mais animado...ele tem uma participação maior, um incentivo, e ganhar ou perder importante é estar aqui pra fazer uma atividade esportiva.
Você falou mais em relação a ele, mas o que significa para você?
Pra mim, eu sou professora de Educação Física, eu gosto bastante de esporte e eu gosto de futebol, trabalho no meio disso também, eu gosto de ver, eu aprendo muitas coisas olhando, vejo certo, vejo o

errado, as dificuldades e tô empenhada na área esportiva mais por causa dele (filho) (Laura).

Nesta fala anterior, notamos a questão da apreciação ao futebol também como assistência ao jogo, a contemplação, Laura afirma gostar de assistir aos jogos. No entanto, ela mostra em sua fala, assim as entrevistadas anteriores, a importância do aprendizado para o filho.

No caso dos homens, dois dos entrevistados, entre outras respostas, dizem que os significados de se assistir aos jogos de futebol no clube também são relacionados aos filhos. Cleiton tem dois filhos que jogam, por isso, vai assisti-los e Maurício costumava levar seu filho para assistir os jogos, mas atualmente, ele já tem idade para jogar e, por isso, Maurício vai para apoiá-lo.

Ah dá aquela vontade de jogar também, é a empolgação, o incentivo, a gente que tá olhando de fora, dando toques, maior parte é incentivar mesmo, essa convivência aqui, cada time, cada jogo, sempre é diferente, você percebe no rosto deles, por exemplo semana passada eles perderam de 6 a 0, e nem por isso eles saíram brigando, eles saíram dando risada, saíram tranquilos, hoje tão ganhando de 4, perdendo ganhando, não tem confusão, é aquela situação gostosa de assistir, você não fica tenso pensando que vai sair confusão ou uma briga porque um brincou com o outro, um bateu mais forte que o outro (Maurício).

Tanto no caso dos homens como das mulheres que falam que os significados de se assistir aos jogos de futebol no clube estão relacionados a dar exemplo aos filhos, levá-los para ver o pai jogar entre outras respostas nesse sentido demonstram uma forma de educar. Esta forma de educação é uma transmissão cultural de pai/mãe para filhos em que se ensinam os códigos do futebol, como é o jogo, o que é jogar futebol, que pode estar relacionado também à construção do papel masculino dos filhos no meio em que se vive. Essa relação inter geracional também acontece na outra via, filhos/pais, no entanto, não nos aprofundaremos nessa questão na presente pesquisa.

O processo de humanização se dá a partir das interações com os outros sujeitos na vida social, sendo que os seres humanos, aprendem, de fato, a partir da relação com o outro e dos significados que recebem e produzem no meio em que vivem. Essas interações se iniciam de muitas maneiras na vida humana, uma delas – talvez a principal – é por meio da educação.

No caso do clube observamos que essa educação se dá por meio da instituição da família que, de acordo com Brandão (2002), é uma das principais instituições de educação, além dela estão a comunidade e a escola. O autor explica que no mundo familiar é o acesso dos sujeitos ao processo de Educação, é a instância em que o ser humano poderá viver momentos de socialização, estando no lar ou em um meio mais próximo a isso. Esse ambiente propiciará aos sujeitos o convívio em um mesmo círculo de cultura cotidiana, que será a base para a constituição de outros círculos mais amplos. Podemos imaginar que é na interação com a família que os sujeitos aprendem a torcer por determinado time de futebol, aquele que é o favorito do pai ou do irmão, e ser um potencial torcedor desse elemento da cultura.

Com base nas três instituições que envolvem o processo de Educação a que se refere Brandão (2002), compreendemos que a assistência aos jogos de futebol ou a contemplação a tais jogos é mediada por um processo educativo, como afirma Damo (2007):

A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais (p. 43-44).

Assim, a assistência aos jogos de futebol, seja pela televisão, em estádios ou no clube, pode mobilizar um conjunto de significados por parte dos espectadores/torcedores, que podem ser atualizados à medida que esses sujeitos

interagem com outros espectadores/torcedores, em um contínuo processo de aprendizagem acerca da assistência. Neste caso, podemos tratar da educação pelo lazer (MARCELLINO, 2007), no sentido de considerar esta atividade do contexto do lazer, a assistência aos jogos de futebol, como potencialidade para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. As atividades do âmbito do lazer proporcionam o desenvolvimento pessoal, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade ou cumprindo objetivos, como o relaxamento e o prazer. Podem, também, contribuir para o desenvolvimento social pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, o aguçamento das sensibilidades, o auto-aperfeiçoamento e o desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (MARCELLINO, 2007).

Ao considerarmos as variáveis tempo e espaço, podemos dizer que a educação pelo lazer faz parte da educação não-formal. Segundo Gadotti (2005), a educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Por outro lado, a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática, não precisando seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão” e pode ter duração variável.

A educação não-formal utiliza principalmente jogos e atividades lúdicas. No interior destes processos educativos, Schwartz (1998) comenta que as reflexões sobre a utilização do jogo ou de atividades lúdicas têm evidenciado o surgimento de uma pedagogia pelo jogo ou do jogo, de sua utilização educativa e dos meios para seu emprego eficaz, tendo conservadas suas características essenciais, como o caráter lúdico e a participação voluntária.

Fernando, Marcos, Fausto e Danilo dizem que o significado de se assistir aos jogos de futebol no clube seria para encontrar os amigos e por amarem o futebol. Isso

demonstra o interesse no conteúdo físicoesportivo do lazer, mas também, o interesse social do lazer e o clube como possibilidade de encontro, de sociabilidade, mesmo para os que não participam jogando.

Considerações Finais

O futebol é, sem dúvida, um elemento da cultura e, na atualidade, tem sido a principal referência quando tratamos de práticas corporais. No Brasil, esse jogo tem destaque por ser discutido, praticado, assistido e tematizado o tempo todo. O futebol pode ser vivenciado de diferentes maneiras, como esporte de rendimento e atividade do contexto do lazer. A maioria dos estudos sobre lazer enfoca a vivência do futebol no sentido da prática, muitas vezes desconsiderando a assistência e o conhecimento. Neste trabalho destacamos as possibilidades de vivência do futebol sob o gênero da assistência.

Nossa pesquisa de campo se deu dentro de um clube sociorrecreativo situado na cidade de Piracicaba/SP, observando especificamente o Campeonato Livre de Futebol Social. Os clubes têm se mostrado como uma das opções de espaços/equipamentos de lazer com uma grande diversidade de materiais e espaços para vivências representativas dos diferentes conteúdos culturais do lazer, incluindo o físicoesportivo e o social.

Dentre as mulheres entrevistadas a maioria não fala das atividades do âmbito do lazer como opção, apenas uma entrevistada cita a questão da sociabilidade. As entrevistadas dizem que vão ao campeonato de futebol amador para assistirem os maridos, filhos e amigos. É interessante notarmos nesta pesquisa a forma como as mulheres aparecem. De acordo com o regulamento do campeonato investigado, elas não têm a opção de jogar e não há um campeonato de futebol feminino neste clube. Elas

apenas têm a opção de assistir ou não aos jogos. Essa posição reforça algumas questões do futebol com relação à forte presença masculina em contraponto com a feminina, mostrando assim que no clube estudado a prática do futebol é só para os homens.

Outro ponto foram as observações e falas de alguns sujeitos (homens e mulheres) que demonstraram assistir aos jogos para ensinar aos filhos a apreciação do futebol, no sentido da educação, de uma transmissão cultural, uma possibilidade de se ensinar como é o jogo de futebol, como são as relações com as pessoas e quais os códigos do futebol. As observações e falas enfatizam uma possibilidade da educação pelo lazer, uma vez que o futebol seria o fator que desencadearia discussões sobre valores éticos, regras, etc. Sobre os códigos do futebol, por exemplo, as respostas levam a uma reflexão sobre a construção dos papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira, a construção do futebol amador, que ressignifica o próprio esporte de alto rendimento e o lidar com problemas sociais – como é o caso da homofobia.

Concluimos que as atividades do contexto do lazer no clube, como o campeonato de futebol amador estudado, proporcionam às pessoas a educação pelo lazer que pode ter implicações na educação para o lazer desses sujeitos, já que o clube mostra-se ser um espaço social fundamental para a educação não-formal. Assim, tal instituição pode assumir em sua gestão e sob orientação de um profissional do lazer, elementos que poderão se constituir em uma educação para o lazer, levando seus associados a refletirem sobre problemas sociais como a homofobia, sobre valores que predominam na sociedade atual como a competição exacerbada e as implicações disso para a vida cotidiana, e como o futebol e o esporte em geral, de tipo amador, podem influenciar a construção de valores como a solidariedade, o companheirismo, a competição associada a atos cooperativos etc.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 129-156, maio/agosto, 2003.
- _____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.
- DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ECO, H. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Institut international des droits de l'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.
- GASTALDO, E. L. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.
- _____. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p.1-16, jul/out, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GUEDES, S. L. **Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói: EDUFF, 1997.
- _____. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.
- MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 2007.
- _____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MISKIW, M. **Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Ciências do

Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física, 2012.

ORIGUELA, M. A. **Futebol e Cultura**: Assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba/SP. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, 2014.

_____.; LOPES DA SILVA, C. Futebol e o bar: assistência ao esporte nacional brasileiro. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**; Brasília, v. 22, n. 4, p. 55-67, 2014.

_____. Lazer e futebol: o torcedor no estádio. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 14, n. 1, pp. 81-88, 2015.

REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

SANTOS, D.; AZEVEDO, A. A. Os torcedores nos bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital. In: AZEVEDO, A. A. (Org.). **Torcedores, mídia e políticas públicas de esporte e lazer no Distrito Federal**. Brasília: Thesaurus, 2008.

SCHWARTZ, G. M. O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do lúdico. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 66-76, 1998.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, ano IV, n.7, p. 52-66, 1997.

Endereço das Autoras:

Milena Avelaneda Origuela
Secretaria de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano
Universidade Metodista de Piracicaba
Rodovia do Açúcar, km 156 (SP-308)
Piracicaba – SP – 13.423-170
Endereço Eletrônico: djmilenasound@yahoo.com.br

Cinthia Lopes da Silva
Secretaria de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano
Universidade Metodista de Piracicaba
Rodovia do Açúcar, km 156 (SP-308)
Piracicaba – SP – 13.423-170
Endereço Eletrônico: cinthiasilva@uol.com.br